

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JAIRO TEIXEIRA FAGUNDES

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JAIRO TEIXEIRA FAGUNDES

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia –
Programa Especial de Formação de Professores
em Exercício nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré-requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F139a Fagundes, Jairo Teixeira.
Afetividade na educação infantil: memorial de formação / Jairo Teixeira
Fagundes – Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-221-BFE

A todos os educadores que acreditam em uma educação comprometida com uma formação de qualidade, que seja democrática e acessível a todos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me capacitou e me abençoou,

À minha esposa e companheira Cíntia,

Aos meus filhos, Mariane, Caleb e Natasha,

À minha amiga Cecília Soares, com quem compartilhei todo o curso,

Ao meu amigo Milton e suas filhas, que me apoiaram neste trajeto,

À minha amiga Ana Lucia, que sempre me valorizou e me apoiou,

A todos os professores do curso que me proporcionaram esta formação,

E a todos os colegas do curso.

“Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo por um mundo melhor.
Ivan Lins”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. MINHA INFÂNCIA	02
2. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	04
3. FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE	06
4. PENSANDO NO TEMA AFETIVIDADE	12
5. AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
5.1 – As relações de afetividade com o bebê	13
5.2 – Piaget e a afetividade	16
5.3 – A afetividade na relação com o outro	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXOS	28
Fotonovela	
Autorização para o uso de imagens	

APRESENTAÇÃO

O respeito à criança lhe ensina, que ela é amada não pelo que faz ou tem, mas pelo simples fato de existir. Sentindo-se amada, ela se sentirá segura para realizar seus desejos. Portanto, deixá-la tentar, errar sem ser julgada; ter seu próprio ritmo, descobrir coisas, permite à criança perceber que consegue realizar algumas conquistas. Falhar não significa uma catástrofe afetiva. Assim, a criança vai desenvolvendo a auto-estima, grande responsável por seu crescimento interno e fortalecendo-se para ser feliz. Mesmo que tenha de enfrentar dificuldades. (TIBA, 2002, pg 55).

Neste memorial venho falar da importância da afetividade na educação infantil.

Considero o memorial um importante registro a cerca de minha vivência como educador. Penso que foi muito importante este trabalho no sentido de avaliar minha trajetória profissional e assim criar uma base de continuidade para o aprimoramento de minha atuação como educador. Deste modo organizei este trabalho sobre minha vivência como homem e como educador para que possa ser formada uma idéia geral de quem eu sou como pessoa e como penso como profissional da área da educação.

No primeiro capítulo, venho relatar alguns acontecimentos de minha infância que deixaram marcas profundas em minha vida.

No segundo capítulo relato as experiências e dificuldades que vivenciei como educador infantil na rede pública Municipal de Campinas, em uma creche, onde trabalhei com crianças de quatro meses à três anos de idade.

No terceiro capítulo falo da importância do curso de pedagogia do Proesf em minha formação profissional.

No quarto capítulo menciono e o que me levou a desenvolver o tema afetividade na educação infantil em meu memorial. Já no quinto capítulo, relato as observações feitas ao longo de minha experiência como educador infantil, com relação as interações afetivas ocorridas entre as crianças no ambiente de creche. Entre os aspectos observados por mim nesta relação entre as crianças, percebo a necessidade que elas sentem de estar em constantes trocas afetivas, podendo assim, construir estruturas para sua formação como ser social. Procurei fundamentar meu trabalho nos textos de Wallon, Piaget, Sérgio Leite e outros pensadores que falam da importância da emoção como suporte para o desenvolvimento do ser humano.

1 - MINHA INFÂNCIA

“Procuro-me no passado e outrem não me vejo; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora” (SOARES, 2001, p.37)

Nasci no Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai. Desde o meu nascimento as coisas foram difíceis para mim, fui rejeitado por minha mãe desde a gestação, mas meu pai sempre me tratou com respeito, mesmo vindo me visitar poucas vezes, pois ele viajava muito por ser fiscal de trem. Quando eu tinha dez meses de idade eu já falava frases curtas. Num certo dia, minha mãe recebeu a visita de uma tia, esta tia viu que eu estava com um dedinho da mão machucado, então eu disse: “dodói dedinho titia”. Minha tia, por sua vez, começou a gritar e falar que aquilo era um fenômeno. A partir, deste dia o mundo desabou sobre a minha cabeça; minha mãe me levou a um médico no Uruguai que recomendou a ela, que me isolasse de meus irmãos mais velhos, para que eu não falasse mais, senão eu poderia morrer muito cedo; então passei a ser chamado de louco e rejeitado por minha família.

Com seis anos de idade construí uma maquete de uma cidade, com sucata. Levei um mês, mais ou menos, para concluir a construção; quando víram o resultado, meus irmãos disseram: “o louco fez uma cidade!”, e mais uma vez não me valorizaram e me rejeitaram. Mesmo assim, tentei aproveitar minha infância; eu brincava muito nos parques, subia nas árvores, comia bastante frutas silvestres como a cereja, que não se encontra nesta região sudeste. Eu também gostava de brincar com brinquedos por mim confeccionados como o bodoque, conhecido em outras regiões como estilingue, e eu andava com os bolsos cheio de figurinhas para trocar com meus colegas e bolinhas de gude, para brincar com as crianças da vizinhança.

Sempre procurei fazer amizade com meus colegas de escola e da vizinhança e até com meus irmãos, mesmo eles me tratando com indiferença. Com sete anos de idade, eu já vendia pão caseiro nas ruas, para ajudar minha mãe no orçamento familiar, pois sua renda não era suficiente para sustentar nove filhos sozinha. Com doze anos de idade fui trabalhar no Uruguai em um comércio, lugar este em que aprendi a falar o espanhol. Prestava atenção nas conversas de diversos grupos de pessoas que ali freqüentavam, por exemplo: alemães, italianos, uruguaios, argentinos, espanhóis e outros. Todo este contato me ajudou a falar o espanhol fluentemente, e até hoje domino

o uso da língua sem nenhuma dificuldade. Também foi com doze anos de idade que me tornei evangélico, e passei a me dedicar ao trabalho da igreja e sendo, por isso ridicularizado por meus irmãos mais uma vez.

Quanto à minha vida escolar, tive um desempenho excelente, pois tinha facilidade para aprender; gostava muito de ler gibis e livrinhos de histórias. Minhas matérias preferidas sempre foram as humanas e isso me incentivou a ler bastante, porque gostava, principalmente, de história. Recordo de um fato, que me traumatizou muito: foi quando a minha professora do segundo ano primário me bateu com uma régua na cabeça, só porque eu a chamei para corrigir o meu caderno de matemática; deste dia em diante, detestei aquela professora e a sua disciplina.

Assim que meu pai faleceu, minha mãe se mudou para Porto Alegre (RS), com a intenção de melhorar de vida. Ao completar dezoito anos de idade me alistei no exército e servi durante um ano em Porto Alegre. Depois que saí do serviço militar, minha mãe foi a óbito, devido ao uso excessivo de cortisona para tratamento de reumatismo. Foi muito triste, pois nesse momento de minha vida minha mãe estava mais próxima de mim. Eu estava sempre ao lado dela, cuidando, zelando, tratando com carinho, enquanto meus irmãos nem se importavam. Sofri demais. Depois deste momento, entrei em depressão profunda que durou oito meses, da qual só saí quando Deus se manifestou me mostrando que me amava, e que eu deveria lutar pela minha vida. Com vinte e dois anos de idade me casei e tive três filhos, duas meninas e um menino; a fase da vida deles que mais gostei e curti foi a infância, na qual eu aprendi a educar, cuidando e participando ativamente de suas vidas. Sempre fui um pai presente, gostava de brincar com eles nos parques e em todas as ocasiões possíveis; era muito divertido. Isso foi importante, pois eu não queria que eles se sentissem rejeitados como eu fui por meus irmãos e minha mãe. Assim, eles tiveram todo o carinho que poderiam ter de um pai.

Aos vinte e sete anos me mudei para São Paulo para trabalhar em um escritório de contabilidade pertencente à minha irmã. Paralelamente fiz parte de uma banda Punk (Latitude Zero), na qual eu atuei como vocalista durante três anos. Após isso, mudei-me para Campinas, pois o meu filho não tinha resistência à poluição da cidade de São Paulo. Desliguei-me da banda e passei a trabalhar em Campinas no ramo de vidraçaria, no qual atuei por muitos anos. No ano de 2000, prestei um concurso público para o cargo de monitor infantil no qual obtive sucesso.

2- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A partir do ano de 2001, passei a integrar o quadro de monitores de educação infantil na prefeitura de Campinas. Quando ingressei na função eu levava a experiência de um pai que acompanhou passo a passo o desenvolvimento de seus três filhos. Embora eu tenha feito tudo de modo empírico, me apoiando basicamente em textos bíblicos que falavam sobre o assunto, penso que adquiri uma experiência excelente, pois, no relacionamento com as crianças da creche, sempre priorizei a afetividade como algo fundamental tanto para o desenvolvimento da criança quanto para o relacionamento adulto-criança.

Para mim o início foi difícil, primeiramente devido ao fato de eu ser inexperiente no trato com tantas crianças pequenas; em segundo lugar me faltava experiência para trabalhar na área, pois a prefeitura não ministrou nenhum tipo de curso que me possibilitasse ter uma noção do trabalho que eu iria realizar; em terceiro lugar houve também a discriminação explícita por parte principalmente das colegas mais antigas de trabalho, pelo fato de eu ser homem, portanto, um gênero novo dentro da atividade de monitor. Diziam por exemplo, que um homem tinha mais é que “arrancar toco” ou “trabalhar no pesado, em serviço braçal”. Outras ainda diziam que “homem, naturalmente não tem competência para trabalhar com crianças”, além do que era um absurdo um homem ficar vendo as “pererequinhas” das meninas. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, procurei dar o melhor de mim para que as crianças tivessem uma boa orientação dentro da creche.

Enfim, foram anos de violenta discriminação por parte dessas colegas antigas que só cessaram no momento em que passei a trabalhar em outra unidade escolar no ano de 2008, onde as novas colegas de trabalho, além de serem novas contratadas, tinham uma melhor formação humana. Nesta nova unidade escolar fui bem recebido e tive um bom entrosamento com os colegas de trabalho.

Desde o princípio do meu trabalho procurei dar liberdade de movimento às crianças, por exemplo, acabando com as famigeradas filas em forma de trezinho, pois eu percebia o desconforto que causava às crianças. Foi então que intervi, mudando esta forma de organização e propondo às crianças que andassem devagar sem fazer trezinho. Percebi uma mudança importante no comportamento delas: ficaram mais tranquilas durante os deslocamentos efetuados dentro dos espaços da creche. É evidente

que a liberdade que se dá às crianças também pressupõe cuidados, pois sei que a criança ainda não tem condições de perceber situações de perigo nas ações que ela executa. Portanto, deixo claro, que o educador deve estar consciente das limitações das crianças e ao mesmo tempo procurar dar o máximo de liberdade para que a criança exercite sua curiosidade, criatividade, inventividade e possa formar um círculo de relacionamentos que seja do seu interesse.

3 – FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE

O ano de 2005 foi importante para mim, pois tive a oportunidade de ingressar no curso de pedagogia pelo Proesf na Unicamp. Este curso me proporcionou novas possibilidades de crescimento e formação profissional. Passei então a ter acesso ao aporte teórico das várias disciplinas oferecidas. Foi muito gratificante ver que estas disciplinas vieram de encontro aos meus questionamentos e anseios de educador preocupado com a formação dos meus educandos. Assim sendo, além da experiência profissional da qual eu já dispunha, foram agregados conhecimentos teóricos fundamentais com os quais eu pude embasar meu trabalho diário, melhorando assim a minha prática como monitor na rede municipal.

Dos momentos que mais me marcaram no curso do Proesf, destaco as aulas da disciplina “Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte”, no segundo semestre de 2006, ministradas pelas assistentes pedagógicas Ieda e Heloísa. Lembro-me de uma aula em que foi pedido um trabalho em grupo, para fazer uma fotonovela e o tema escolhido pelo grupo foi “A Virada”, que mostrava a transformação que os alunos tiveram com as aulas do curso de pedagogia do Proesf. Foi muito gratificante poder participar de cada aula, expor minha forma de pensar e de me submeter às novidades que cada uma me proporcionava. As assistentes pedagógicas planejavam as aulas de uma forma que envolvia os alunos nas atividades e todo o trabalho era muito produtivo. A imagem abaixo mostra o resultado do trabalho da disciplina de artes, na qual foi apresentado uma peça teatral com o tema “Um artista perto de você”, que consistia em representar a vida de um artista próximo, como um familiar ou um conhecido íntimo, neste caso representava a vida de um menino que escrevia poesias de sua infância, e que depois se tornou um grande ator de teatro.



Ao falar deste trabalho, é significativo rever a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais a respeito das artes visuais:

“A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e as formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para isso, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal”. (PCN, Vol 6, 1997, p.61)

Portanto, faço questão de colocar nos anexos deste memorial, uma cópia da fotonovela de que mencionei anteriormente. Penso que esse aporte de conhecimento na arte de fotonovela e também de teatro me possibilitaram desenvolver experiências nas quais, através do registro fotográfico pude fazer montagens de histórias vividas pelas crianças no ambiente escolar favorecendo um trabalho criativo e envolvente no sentido das crianças se reconhecerem como participantes desta ação pedagógica.

Também achei de grande importância as aulas de Sociologia com o assistente pedagógico Júlio, pois os assuntos abordados nas aulas me fizeram entender bem a relação da história da sociedade através das teorias de autores tais como: Karl Marx, Skinner, Durkheim e Max Weber, fazendo assim, um parâmetro com os acontecimentos atuais e suas conseqüências na vida das pessoas.

A disciplina de Avaliação (PE 304) ministrada pela assistente pedagógica Maura no terceiro semestre de 2006, também contribuiu bastante para o meu conhecimento na questão das políticas de avaliação educacional e os órgãos internacionais que interferem a educação no Brasil. É forte a influência que os órgãos financeiros internacionais, como o BIRD (Banco Internacional de Desenvolvimento), o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial exercem no Brasil, principalmente no que se refere à educação. “No Brasil, as instituições sociais, em especial as educacionais, são alcançadas pela ingerência das organizações financeiras internacionais que pressionam e manipulam indicadores econômicos”. (SILVA, 2003, p.289).

À partir desta aula, tive a idéia de levar este assunto para os meus colegas de trabalho, preparando uma palestra com o Tema: “O Banco Mundial e suas interferências no sistema educacional” e para embasamento teórico utilizei o texto : A Educação para além do capital de Istvan Mezaros (editora Bontempo) e o filme “Quanto Vale ou é por Kilo” apresentado na disciplina de Políticas Educacionais. Para minha surpresa este

tema não foi bem aceito pelos professores, pois muitos diziam: “O que este assunto tem à ver com o nosso trabalho na unidade escolar?; É perda de tempo falar sobre isso!”. Então pude perceber que os professores não estão politizados para combater um sistema opressor, dominador, escravista, que só visa o lucro.

Gostei das aulas de “Legislação e Gestão”, no quinto semestre de 2007, que me chamou a atenção para a relação entre educação e trabalho, influenciadas pelo toyotismo, modelo de gestão e produção industrial que surgiu no Japão entre as décadas de 50 e 60 este modelo de gestão é apropriado pelo movimento neoliberal que interfere nas relações de produção e das novas formas de organização de trabalho, sendo assim, são concebidos e vinculados novos modos de vida, comportamentos, atitudes e valores. O tipo de trabalho concebido pelo toyotismo visa à fragmentação, pois as relações sociais e produtivas influenciadas pela escola, educam o trabalhador para essa divisão.

a finalidade do trabalho pedagógico, articulado ao processo de trabalho capitalista, é o disciplinamento para a vida social e produtiva, em conformidade com as especificidades que os processos de produção, em decorrência do desenvolvimento que as forças produtivas, vão assumindo.” (KUENZER, Acácia Zeneida, 1985, p.82).

Eu sempre observei essas relações entre educação e trabalho, e percebo que na educação ainda existem estas influências deixadas pelo toyotismo, no qual vejo as fragmentações dos conteúdos, dos métodos, das formas de organização e da gestão. As disciplinas são organizadas de forma fragmentadas, por exemplo: matemática, português, etc., e o aluno para aprendê-las, tem que estudar separadamente cada uma delas “... a fragmentação curricular, que divide o conhecimento em áreas e disciplinas trabalhadas de forma isoladas e que passam a ser tratadas como se fossem autônomas entre si e da prática social concreta”. (KUENZER, 1995, pg.84). E dessa forma o aluno vai se tornando um ser dominado e fragmentado, uma massa de manobra para o sistema capitalista, sem condições de contemplar uma relação com a construção do conhecimento que verdadeiramente integre o conteúdo e o método, de forma que propicie o domínio intelectual das práticas sociais e produtivas.

Vejo cada vez mais, as conseqüências do sistema capitalista na vivência de minha prática, pois o professor, por sua vez, acaba se submetendo às regras impostas pela direção da escola. Assim sendo, é cobrado pelo sistema educacional que o professor seja criativo em seu trabalho, dinâmico, tenha espírito de liderança, seja autônomo, tenha um

trabalho individualizado e por outro lado, se não consegue cumprir o planejamento pedagógico elaborado, se sinta culpado e obrigado a trabalhar em dobro. Contudo, o professor tem que estar sempre se atualizando, com novos cursos de formações, pesquisas, e tudo isso demanda um custo que não é assegurado pelo poder público. O Estado, então vai deixando de cumprir suas obrigações de mantenedor e repassa essa responsabilidade para a escola, e esta, por sua vez, para o professor e para a comunidade. Infelizmente essa é a realidade de nosso país. Na escola na qual eu trabalhei até 2007 havia falta de recursos financeiros para manutenção e compra de materiais pedagógicos e produtos de limpeza que acabavam sendo supridos através de dinheiro disponibilizado pela própria diretora da escola.

Para que haja uma mudança neste comportamento é necessário que o professor seja crítico, conhecedor dos seus direitos, politizado, para que possa mediar o conhecimento, colaborando para que o aluno seja um cidadão participativo, crítico e capaz de construir seus próprios conhecimentos.

O fato de a educação ser suscetível às normas econômicas não significa que ela seja totalmente submissa a elas. O ato de educar não é neutro, ele é crítico, político e filosófico e da mesma maneira que as diferentes relações de uma sociedade influenciam a educação, por ela é possível formar cidadãos políticos, conhecedores do processo histórico, científico, econômico, cultural e social, capazes de, munidos dos conhecimentos universais, transformarem a sociedade de acordo com os seus interesses e suas necessidades.(QUEIROZ, 2003, p.129).

Outra disciplina que gostei muito foi “Teoria Pedagógica e Produção em Geografia”, que contribuiu bastante para minha formação. Primeiramente porque a assistente pedagógica Alexandra proporcionou momentos agradáveis e proveitosos nas aulas realizadas, tais como: trabalho em grupo feito em sala, leituras de textos extras que ela trazia para a reflexão do grupo sobre os temas trabalhados. Um dos momentos marcantes dessa disciplina foi o estudo do bairro, um trabalho feito em grupo com o objetivo de conhecer o espaço, a localização do mesmo, e o que continha nele. Foi realizado um passeio e feito um registro através de fotos, o que se mostrou muito interessante, pois eu mesmo não conhecia o lugar onde eu morava. Descobri muitas coisas importantes: o antigo Aterro Sanitário de Campinas que se transformou em uma área de lazer, de cultivo de plantas e árvores, e também a estação de tratamento de água e de esgoto conhecida como “Piçarrão”, localizado no Bairro Parque Santa Bárbara em Campinas. É interessante ressaltar que o trabalho foi concluído com a confecção de um

mapa em forma de maquete, feito de isopor, com balas e pirulitos para marcar as localizações dos espaços. Depois do trabalho apresentado, os colegas de sala puderam degustar todo o mapa feito de doces. Foi uma experiência muito gratificante.

Um acontecimento em minha trajetória no Proesf que me deixou perplexo, foi a atitude de uma assistente pedagógica da disciplina de Educação Infantil, que fez pouco caso de um trabalho que apresentei em grupo: a elaboração de uma maquete de um centro de educação infantil. Ela pediu que fosse construída uma maquete de acordo com os textos oferecidos pela disciplina, e assim foi feito. O problema é que ela foi insensível e nem um pouco profissional, pois me dediquei na elaboração do trabalho, e ela fez pouco caso do meu trabalho alegando que não tive esforço algum. Ou seja, tudo o que eu aprendi com os teóricos da educação com relação ao fazer do aluno, a valorização do processo de ensino-aprendizagem e da construção do conhecimento entrou em contradição com a postura da assistente pedagógica. Tomei providência, entrando em contato com a professora da disciplina e não obtive respostas; posso dizer que, infelizmente, isso mostra o descaso com a formação dos alunos de um ensino universitário e principalmente a falta de critérios para selecionar um profissional competente para desenvolver a disciplina. Pois este é o resultado da avaliação mal feita por parte dos que se dizem professores. Como enfatiza Luchesi, “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado por mais uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino-aprendizagem”. (LUCHESE, 1995, p.18).

Gostaria de falar sobre cada disciplina, mas procurei fazer um breve relato de minhas experiências no curso do Proesf, pois todos os momentos vivenciados na faculdade foram importantes para minha formação.

Quando me falaram na faculdade, que os alunos teriam que realizar um memorial de conclusão de curso, eu pensei: “Como farei isso?; Como vou me organizar para a elaboração deste memorial?, pois são tantas as informações que tenho todos os dias.”

Então comecei a pensar minha prática de trabalho na creche, juntamente com o aporte teórico que a faculdade oferecia. Neste momento decidi desenvolver um tema ligado a afetividade, pois eu sempre achei interessante observar o comportamento das crianças em relação ao seu desenvolvimento afetivo.

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido”. (THOMSON, 1997, p.57).

Assim sendo percebo que todas as informações recebidas através de minha formação pregressa me possibilitaram permanente construção e reconstrução tanto de minhas concepções do meu “eu” quanto do meu fazer pedagógico.

4 – PENSANDO NO TEMA AFETIVIDADE

O que me levou a desenvolver o tema afetividade na educação infantil em meu memorial foi a percepção da sua importância para o processo educativo, pois o contato com crianças pequenas me proporcionou um olhar mais sensível à questão do afeto, das emoções e do vínculo afetivo que era criado no dia-a-dia. Quando eu tratava a criança com atenção, carinho, paciência e procurava estar sempre perto, ela se sentia mais protegida e confiante. E essa confiança até os pais percebiam; isso me deu mais segurança no desempenho de meu trabalho.

Procurei fundamentar meu memorial nos teóricos que pensaram na questão da afetividade, como Piaget, Wallon, Sergio Leite e outros pensadores, sendo para mim de suma importância. Pesquisei vários textos relacionados com o tema, observei bastante as crianças neste aspecto da afetividade em meu cotidiano. E enfatizo que a pesquisa foi muito importante para mim, pois sem ela, seria praticamente impossível realizar este trabalho.

5 – AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Têm a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo, os primeiros contatos da criança com o mundo. “As emoções assim como, os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva. (WALLON, 1968 apud LEITE E TASSONI, 2002)

5.1 - AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADES COM O BEBÊ

Em meu trabalho na educação infantil percebi na prática a importância da afetividade para o bom desempenho cognitivo das crianças, pois, se uma criança não cria um vínculo afetivo com o adulto com a qual ela tem contato, torna-se impossível qualquer tipo de tentativa de um entendimento que possa desembocar em um trabalho educativo. Por isso, a primeira providência que tomei com meus alunos foi a de estabelecer um contato afetivo, através da fala, do toque, sempre procurando acalmar e dar segurança à criança, fazendo que ela percebesse que poderia contar comigo como amigo e companheiro, criando um vínculo de confiança e de afeto. A partir de então, é que pude desenvolver um trabalho educativo eficiente junto aos educandos, de modo que eles pudessem ser inseridos no meio social.

Na creche tive meus primeiros contatos com as crianças trabalhando no berçário e a partir deste momento aprendi bastante à respeito das manifestações e linguagens dos bebês. Logo que o bebê chega a uma creche e tem o seu primeiro contato com o adulto já sente a diferença e vê que não é a pessoa com que está acostumada a ficar e a sua primeira manifestação é o choro. Essa reação dura alguns dias ou semanas. Dependendo da relação que o adulto criar com o bebê através do afeto e de paciência, este estabelece vínculos afetivos com o adulto e passa a se sentir mais seguro. A partir deste momento é que o adulto poderá entrar com os estímulos necessários para o desenvolvimento desta criança. A afetividade e a emoção se manifestam na criança desde o seu nascimento, pois o bebê quando recém nascido tem muitas tensões musculares que podem atingir um grau elevado. Quando estas tensões não encontram vazão, devido a inabilidade motora da criança (bebê), elas podem transformarem-se em contorções, espasmos, gerando crises emotivas.

o prazer ou o alívio parecem acompanhar os espasmos em que se despende uma tensão excessiva. É o caso dos soluços, que são uma liquidação habitual da angústia, e menos excepcional do que é o espasmo venéreo. O riso estridente pode ser igualmente a descarga de uma expectativa ou de um constrangimento prolongados, a evasão de energias retidas e acumuladas. O próprio riso normal é uma cascata de sacudidelas que consome a tensão dos músculos e que habitualmente os amolece, suprimindo a capacidade de esforço. (WALLON, 1941, p.138)

As tensões musculares também acontecem com crianças maiores, pois quando choram sem motivo aparente, fazem birra e ficam manhosas; muitas vezes o adulto não entende o porquê da reação das crianças. Mas isso acontece por causa de uma forte tensão que a criança sente, e só melhora quando chora, porque passa a tensão, ficando tranqüila e relaxada. Através do choro houve descarga da tensão que a impedia de relaxar. Isso destaca Wallon:

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certa disposição específica de sua sensibilidade. (WALLON, 1983, p.64).

O bebê se comunica pelo choro. Num certo dia na creche um bebê chorava muito com fortes cólicas intestinais; para tentar acalmá-lo fiz massagens em sua barriga, ele parou de chorar e se sentiu aliviado. Deste momento em diante, percebi que o contato físico era muito importante, pois este bebê passou a se sentir mais seguro em minha companhia.

O espasmo do intestino provoca cólicas, tão freqüentes, na digestão do bebê, de que resultam os choros, sem dúvida por extensão fisiológica do espasmo ao aparelho respiratório, pois só mais tarde surge a diferenciação do grito como simples meio de expressão. (WALLON, 1941, p.137).

Aconteceu um caso na creche de um bebê que tinha problemas cardíacos importantes; ele precisava sempre de muitos cuidados, porque não podia cair, chorar, se assustar devido ao risco de perder o fôlego ou desmaiar, às vezes tinha convulsões. Era um momento muito difícil tanto para o bebê quanto para o adulto, e eu sempre procurava ter calma nessas horas, para poder socorrê-lo. Como esses episódios de convulsão sempre se repetiam, esta criança passou a confiar mais em mim, em vista de

minha tranquilidade ao lidar com ela. Isso mostra que um vínculo afetivo foi estabelecido entre mim e essa criança. Por isso digo que as relações de afeto entre o adulto e a criança são muito importantes para o seu desenvolvimento afetivo. Vale lembrar que a aproximação que tive com esta criança permitiu uma maior aproximação da família com a creche, pois perceberam que seu filho estava seguro e protegido. Para isso corrobora a visão de Wallon:

O recém-nascido é um ser cuja totalidade das reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si próprio, ele é manipulado pelo outro, e é nos movimentos deste outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma. (WALLON, 1959, apud GALVÃO, 2003, p.74).

Com o passar do tempo o bebê, passa a estabelecer uma relação entre os seus atos e o ambiente, tornando suas ações mais intencionais. Pela ação, o movimento do bebê deixa de ser descarga expressiva e passa a ser expressão de afetividade exteriorizada. Após os seis meses de vida o bebê começa a expressar afetividade e emoções intensas.

As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldade na digestão, secura na boca. Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perceptivo para quem as vivem, as emoções, provocam mudanças na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos. Acompanha-se de modificações visíveis no exterior, expressivas, que são responsáveis, por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano. (GALVÃO, 2002, p.12).

A observação de Galvão é perceptível na imagem a seguir que mostra o cotidiano da creche onde trabalho, pois as mudanças no comportamento do bebê acontecem diariamente. Com o passar do tempo o bebê começa a se interessar em conhecer e explorar mais os espaços à sua volta e passa a exteriorizar mais suas emoções.



O cuidar com carinho, saber usar o tom da voz, a forma de dar banho e trocar, o jeito de dar a mamadeira, e as formas de comunicação através da fala, do gesto, das brincadeiras, das músicas, desenvolve uma intensa comunicação afetiva entre o bebê e o adulto e todas essas experiências eu adquiri nestes anos de trabalho.

5.2 - PIAGET E A AFETIVIDADE

Em minhas pesquisas sobre a afetividade, as teorias de Piaget foram úteis para meus embasamentos teóricos. Embora vivenciando a prática na creche, descobri em suas teorias como aconteciam os processos do desenvolvimento afetivo na criança, e isso foi de grande importância para mim. Faz-se necessário falar um pouco das teorias deste grande pensador.

Embora Piaget não tenha elaborado uma teoria do desenvolvimento afetivo, as relações estabelecidas por ele em epistemologia genética mostram coerência de suas explicações sobre a afetividade, fundamentadas em seu maior objeto de estudo, a inteligência, que por sua vez, apresenta dupla natureza, biológica e lógica.

a inteligência é quem designa as formas superiores de organização ou de equilíbrio das estruturas cognitivas; a inteligência é adaptação, na medida em que esta se caracteriza como equilíbrio entre as atuações recíprocas do organismo e do meio. A inteligência é um conjunto de operações dinâmicas e uma forma de equilíbrio a que tendem todas as estruturas. A função destas é a compreensão dos conhecimentos e a invenção de possíveis formas de solução destes. (PIAGET, 1967, p.45).

Piaget elaborou uma teoria que traz a explicação genética do desenvolvimento mental, mostrando que o comportamento é evolutivo; e que o desenvolvimento mental, bem como o afetivo e social, resultam de uma construção contínua. Piaget afirma que as relações estabelecidas entre o aspecto cognitivo que retém a informação e a inteligência que trabalha com a informação, são fruto das interações que ocorrem entre o sujeito e o meio, resultem em conhecimento e que, portanto, são processadas pela cognição e estruturadas pela inteligência. Piaget diz que as idéias das crianças sobre as coisas do mundo são construções que envolvem estruturas mentais e experiências; experiências estas que não nos chegam diretamente do exterior, mas são antes organizadas pela inteligência.

Para Piaget o desenvolvimento cognitivo acontece por mudanças de comportamento evolutivas. Ele engloba como meio de compreensão do processo de desenvolvimento estágios qualitativos, ordenados e com seqüência invariável, com faixa etárias aproximadas. As características destes estágios de desenvolvimento são as construções de estruturas originais e sucessivas. Os estágios são: a) período sensório-motor que vai do nascimento aos dois anos de idade; nesta fase surge a linguagem; a criança é egocêntrica o que é resultado da indiferenciação total que apresenta entre ela e os elementos exteriores; há o desenvolvimento do controle motor, distinção entre objetos de uma classe e de outra, da preensão e sucção; b) O segundo estágio é o período pré-operatório, este estágio vai do final do período sensório-motor até aos sete anos de idade, aproximadamente, e se caracteriza pela ocorrência da função simbólica e da representação, da capacidade de usar um objeto e remeter a outro da ação interiorizada não reversível, ou seja, subjetivo e permanente do reconhecimento de sua imagem e da capacidade de empregar a linguagem, a criança trabalha com a representação de forma organizada.

o estágio pré-operatório caracteriza-se, fundamentalmente, pela interiorização dos esquemas de ação construídos anteriormente no estágio sensório-motor. Essa interiorização dos esquemas consiste na representação das ações manifestas da criança. Inicialmente, os instrumentos de que a criança dispõe para conhecer o mundo são os esquemas de ação. No estágio pré-operatório esses instrumentos se aperfeiçoam transformando-se em manipulações internas da realidade. Progressivamente, a inteligência prática, favorável à resolução de problemas através da ação, vai sendo substituída pela inteligência representativa.(ASSIS, 1995, p.12).

Vou me ater até o segundo estágio do desenvolvimento porque o meu objetivo é falar sobre a afetividade na educação infantil, e esta abrange até o segundo estágio de desenvolvimento. A evidência da afetividade no estágio sensório-motor é que as emoções aproximam-se do sistema físico de atitudes, como o medo, por exemplo. Aparecem os sentimentos elementares ou afetos perceptivos, que ainda estão vinculados à atividade própria e são representados pelo sentimento do agradável e do desagradável, pelo prazer e pela dor. Essa afetividade ainda é indiferenciada, parte do egocentrismo geral. Os sentimentos afetivos começam a influenciar a escolha das ações, como no caso da reação circular, em que a criança procura repetir as situações que lhe parecem prazerosas. Já no estágio pré-operatório, quanto à representação, surgem três sentimentos: afeições, simpatias e antipatias ligadas à socialização das ações. Toda a ação se compõe de cognição e afeto para impulsionar a criança a interagir com o meio, construindo assim o seu conhecimento, ela passa a criar, fato que gera motivação, e sendo assim, ela terá condições de resolver problemas de diferentes maneiras. A curiosidade também gera motivação na busca de ação e transformação de conhecimentos. Dessa forma, os objetos e o meio só despertam a criança quando têm valor afetivo e possibilitam suas satisfações, como necessidades ou desejos.

o interesse é a relação da necessidade e do objeto suscetível de satisfazer esta necessidade... é um fenômeno complexo que, constitui atrativo agradável para o ser, coisa ou atividade em que está o objeto; o desejo de aproximar este ser, de se apropriar desta coisa, de exercer esta atividade. (PIAGET apud Bloch, 1970, p.27).

Os interesses e valores relativos à própria atividade são representados pelos sentimentos de auto-valorização, ou seja, a criança experimenta uma troca afetiva com ela própria, expressa pelos sentimentos de inferioridade e de superioridade. Por exemplo, quando eu estimulava uma criança que estava começando a andar a vir sozinha para o meu colo; se ela conseguia, tentava de novo; se ela caía tinha medo da próxima tentativa e desistia por medo de cair. O modo de enfrentar esta situação é o estímulo e a paciência por parte do educador. “Certas ansiedades, em particular, resultam de fracassos reais e, sobretudo, imaginários”.(PIAGET, 1964, p.39).



As teorias de Piaget relacionadas com a afetividade são bem visíveis nas observações que faço com as crianças na creche, por exemplo: quando estímulo um bebê para andar, surge a necessidade da criança em realizar essa ação e para isso a afetividade se faz necessária, pois de outra maneira a criança não procuraria a aproximação com o adulto. Assim ficam claros os processos piagetianos da construção do conhecimento através da inteligência e cognição.

Outro exemplo é quando brinco de esconder o rosto atrás de um pano. Através da repetição do ato, a criança aprende que mesmo quando eu estou ausente do seu campo visual, não deixo de existir. Assim ela vai estruturar mentalmente que um objeto existe estando ou não em seu campo visual. Para mim foi muito proveitoso analisar as teorias de Piaget comparando com minha prática na creche, pois Piaget vê a afetividade como parte intrínseca do ser humano, principalmente a fase infantil.

5.3 - A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO COM O OUTRO

Nas relações sociais a emoção tem poder de contagiar, por isso as relações dos indivíduos diluem-se no perfil da personalidade de cada um. Esta tendência de união própria às emoções explica o estado de vida comum a todos.

Wallon mostra que nas sociedades primitivas o caráter contagioso e coletivo da emoção tem uma importância decisiva na coesão do grupo social. Os indivíduos se fundem no grupo por suas disposições mais íntimas, mais pessoais. Por esse mecanismo de contágio emocional, estabelece-se uma participação imediata nas ações grupais.

As emoções podem ser consideradas sem dúvida, como a origem da consciência, visto que, exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certa disposição específica de sua sensibilidade. Porém, elas, só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais, seriam impossível

efetuar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (WALLON, 1986, p.64).

Em minhas experiências na creche, nas relações que desenvolvo com as crianças, é pertinente a questão da emoção segundo concebe Wallon, porque nas brincadeiras que faço com elas é só perguntar se alguém quer brincar de lobo mau que todos se prontificam em participar e se envolvem na brincadeira incorporam personagem, brincam com entusiasmo, expressam sentimentos de alegria e de espanto, criando um vínculo afetivo entre eles e eu, pois também brinco com eles. A forma de tratar a criança é um fator primordial na questão do vínculo afetivo, pois quanto mais o adulto se aproxima da criança com respeito, carinho, atenção ela se sente mais segura para se aproximar e expressar suas vontades e desejos.

Quando chego na sala de aula, a reação das crianças é automática, correm para me abraçar, querem beijos, já vão logo querendo colo e pedem para brincar. Esse momento é único e muito especial, principalmente quando o adulto consegue ter essa percepção e sensibilidade da necessidade da criança de estar junto. E são nessas circunstâncias que é possível mediar a construção do conhecimento com a criança. “As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto na relação professor aluno, na relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”.(ALMEIDA, 1999, p.107).



Momento de atividade no parque com meus alunos.

O meio social é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois é onde acontece a integração do eu. Quando a criança não frequenta uma creche ou um ambiente que estimule a socialização, por exemplo, ela se torna muito egocêntrica, fechada, tem uma alimentação desregrada, sua linguagem é mais empobrecida e tem dificuldades de conviver em grupo. Relato isso porque penso ser importante que a

criança desde tenra idade tenha condições de ser inserida em um ambiente que proporcione condições para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e físico. No dia-a-dia da creche, por exemplo, quando uma criança começa a freqüentar a unidade educacional desde pequena, ela tem mais condições de se desenvolver e conviver com outras pessoas do que aquela criança que já chega na unidade educacional com três anos de idade. Quanto maior a idade, mais difícil é o período de adaptação, pois a criança já vem com seus vínculos afetivos voltados mais para a família. Nesse sentido percebo a importância do pensamento de Wallon que diz:

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir mas, pelo contrário, precisamente porque o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, às reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 1968, p.150).

Na relação com outro, um momento importante da afetividade é a hora do banho da criança, pois é um momento íntimo, no qual o professor tem que ter muito cuidado, carinho, atenção, respeitar o corpo dela, conversar calmamente, cantar músicas que proporcionem um ambiente tranquilo e relaxante. Já vivenciei casos em que a criança não aceitava o banho, era um momento traumatizante, de muito choro e angústia. Então passei a investigar mais essa criança, através de entrevistas com os pais, e com isso descobri que a criança quando pequena caiu do colo da mãe no momento do banho. A partir deste momento, comecei aos poucos a brincar mais com essa criança usando a água, oferecendo bonecas para ela dar banho e fui falando que a boneca não chorava, que ela gostava do banho, porque ficava cheirosa e limpinha. Foram vários os momentos dessa brincadeira. Nos momentos do banho dessa criança tinha toda uma conversa antes, para que ela tivesse confiança de que nada iria acontecer-lhe de ruim. Assim sendo, os momentos do banho começaram a serem mais tranquilos; então ela se sentiu mais segura e bastante à vontade, passando a gostar da hora do banho. Na questão do banho, concordo com a orientação do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, que diz:

é aconselhável que o banho sirva também para relaxar, refrescar, proporcionar conforto e prazer e preservar a integridade da pele. (...) o banho precisa ser planejado, preparado e realizado como um procedimento que tanto promove o bem-estar quanto um momento no

qual a criança experimenta sensações, entra em contato com a água e com objetos, interage com o adulto e com as outras crianças. (RCNEI, 1998, vol 2, p.57).

Outro momento significativo na questão da afetividade que vivenciei na creche era a hora do descanso. Num certo dia, observei que uma criança de dois anos de idade estava deitada no colchão segurando a mão de outra criança que estava do seu lado e assim as duas dormiram. Percebi que isso era bom para elas: a troca de afeto, carinho e prazer de estarem juntas, proporcionou um momento relaxante, tranquilo e propício para o repouso. A partir dessa observação evidenciou-se para mim a idéia de que o adulto tem que proporcionar momentos em que as crianças demonstrem atitudes de afeto entre elas, devendo respeitar esses momentos, não interferindo, pois haveria grande frustração por parte da criança por não poder expressar seus sentimentos. A hora do descanso, para mim, é um momento de muita afetividade, pois sempre que as crianças deitavam, pediam para que eu as fizesse dormir. Isso era gratificante, pois tinham a necessidade da minha presença junto delas, se sentiam seguras e protegidas, queriam segurar em minha mão, mexer no meu cabelo e conversar. E com isso, esse momento tornava-se prazeroso, através do vínculo afetivo que era criado.

O atendimento das necessidades de sono e repouso, nas diferentes etapas da vida da criança, tem um importante papel na saúde em geral e no sistema nervoso em particular. As necessidades e o ritmo de sono variam de indivíduo para indivíduo, mas sofrem influências do clima, da idade, do estado de saúde e se estabelecem também em relação às demandas da vida social. (RCNEI, 1998, vol 2, p.59).

É importante ressaltar que a creche deve ter espaços onde a criança que não queira dormir possa desenvolver outras atividades de seu interesse. As orientações do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil são que se tenha um espaço diferenciado para a criança repousar e ter outras atividades paralelas; "... é importante que haja flexibilidade de horários e a existência de ambientes para sono ou para atividades mais repousantes." (RCNEI, 1998, vol.2, p.60). Mas a realidade não é essa, pois a organização atual dos espaços da creche e a falta de funcionários impossibilita ter outras atividades paralelas às do repouso. Penso que enquanto não houver valorização da importância do desenvolvimento infantil por parte do sistema político que é responsável pelo envio de verbas para a educação infantil sempre haverá uma distância entre a teoria e a prática desenvolvida nos centros de educação infantil.

Com o passar do tempo a criança utiliza-se mais da linguagem, “conforme a criança avança em idade torna-se necessário ultrapassar os limites de afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva, a linguagem”.(ALMEIDA, 1999, p.108). Sendo suas relações menos epidérmicas e mais sociais, a criança se desenvolve mediada de suas relações com o outro e com o meio, utilizando-se da linguagem adquirida. Ela já consegue socializar seus saberes com outras crianças e assim sua história e sua cultura são entrelaçadas com a do outro. Isso permite seu desenvolvimento cognitivo, como relata Galvão:

Apesar de alternarem a dominância afetividade e cognição, não se mantêm como funções exteriores uma à outra, cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. (GALVÃO, 1996, p.45 apud LEITE 2002, p.119).

Dantas corrobora com este pensamento de Galvão ao dizer que:

Conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidades, as manifestações epidérmicas da afetividade da lambida se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade. (DANTAS, 1993, p.75).

No meu trabalho na creche, as evoluções da criança na questão afetiva são perceptíveis quando, por exemplo, peço para que elas juntem os brinquedos com os quais estavam brincando: nesse momento faço elogios quanto à colaboração e ao esforço delas. Isto ressalta as formas cognitivas da vinculação afetiva.

Um trabalho pedagógico em que cuidar e educar são aspectos integrados e realizados pela criação de um ambiente em que a criança sinta-se segura e acolhida em sua maneira de ser, em que ela possa trabalhar adequadamente suas emoções, construir hipóteses sobre o mundo e elaborar sua identidade, requer do educador um estudo mais cuidadoso das teorias do desenvolvimento humano e a valorização dos saberes prévios da criança, que vivem inseridas em uma sociedade multifacetada, em seus nichos sociais que são as mais diversas formas nas quais a sociedade se divide. Há que se considerar os mais diversos extratos sociais de onde as crianças são originárias, respeitando suas formas de pensar, sentir e ler o mundo ao seu redor. Deste modo, cuidar e educar apresentam-se de forma indissociável no processo de construção do conhecimento na Educação Infantil.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso pelas crianças ao conhecimento mais amplo na realidade social e cultural. (RCNEI, 1998, vol.1, p.23).



A felicidade social é a expressão máxima da saúde relacional social, pois se eleva acima das felicidades anteriores. (TIBA, 2002, p.77). Portanto, quando criamos um ambiente propício para a interação prazerosa entre as crianças consegue-se criar um estado de felicidade que faz com que as mesmas se sintam protegidas e a vontade no espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a trabalhar na educação infantil não sabia exatamente o que eu encontraria. Embora gostasse muito de crianças, fiquei muito preocupado em não dar conta do recado. Essa insegurança, creio, é própria de todo o educador que se inicia na profissão e que se preocupa de fato com o futuro de seus educandos.

Aos poucos, na medida em que pude conhecer melhor o trabalho de campo, fui percebendo de modo empírico quais eram as melhores maneiras de lidar com grupos de crianças em idades tão tenras.

Senti necessidade de estudar mais a respeito do assunto e assim procurei, primeiramente, fazer o magistério, e por outro lado procurava literatura que me ajudasse a refletir sobre meu trabalho com crianças. A partir do momento que surgiu a oportunidade de cursar Pedagogia através do Proesf, descortinou-se para mim um universo rico em teorias que iam de encontro às minhas necessidades profissionais. Assim sendo, passei a juntar a minha prática com as teorias e ver o melhor modo de trabalhar com a educação. Sei que a formação do educador deve ser contínua ao longo de toda a vida profissional, no entanto, o curso de formação oferecido pela Unicamp foi para mim uma oportunidade muito significativa no sentido de me fazer ver que para a melhoria do meu trabalho precisaria estar em constantes pesquisas que me possibilitem fazer um confronto com minha prática. Estarei assim, sempre atualizado e em sintonia com as reais necessidades de meus educandos.

Estamos em um mundo em constante transformação e as teorias que hoje parecem ideais, com o tempo e com o surgimento de novas teorias, aquelas poderão ser substituídas por pensamentos mais atuais e de acordo com a realidade presente. Nesse aspecto fico imensamente grato por todas as experiências que tive na faculdade, pois me fizeram ver a urgência de me atualizar constantemente, pois é através desta atualização que renovo minha prática educativa e minha mente como educador.

Quero ressaltar que mesmo que eu venha ter um embasamento teórico muito rico e uma prática muito responsável e elaborada, é indispensável que eu tenha empatia com as crianças, muito carinho, e saiba valorizar a afetividade, sem a qual não há possibilidade de uma educação com qualidade na qual a criança se sinta de fato acolhida, amada e respeitada em sua caminhada para uma sociedade mais justa e fraterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.R.S. *A Emoção na Sala de Aula*. Campinas: Editora Papirus 1999.

ARANTES, Valéria A.; AQUINO, Julio G. – *Afetividade na Escola*: alternativas teóricas e práticas, in: GALVÃO, Isabel ibidem (orgs) São Paulo : Sumus, 2003.

ASSIS, Orly Z. M. Inteligência, Vida Social e Afetividade. In : *XII Encontro Nacional dos Professores do Proepr*. Construtivismo e Educação. Campinas: Unicamp. 1995, p. 61-66.

BLOCH, Marc – Andr. *Traité de Psychologie de L'Enfant*. Paris: Presses Universitaires de France, v.4, 1970.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil: Vol. 2/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DANTAS, Heloysa. Emoção e Ação Pedagógica na Infância: Contribuição de Wallon. In: *Cadernos de Pesquisa Temas em Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia*, São Paulo nº3, p. 73-76, 1993.

DESLANDES, Sueli F.; NETO, Otavio C.; GOMES Romeu e MINAYO, Maria C. S. (orgs.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 7ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GALVÃO, Isabel. *Uma Concepção dialética do Desenvolvimento Infantil de Henri Wallon*. 10ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2002.

KUENZER, Acácia Z. *A Pedagogia da Fábrica*: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, 1985.

LEITE, Sergio A.S.; TASSONI, Elvira C.M. A Afetividade em Sala de Aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In. AZZI, R.G.; SANDALLA, A. M. F.

A. e GALVÃO, Isabel (orgs) *Psicologia e Formação Docente: Desafios e Conversas*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

LUCHESE, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1995, p.18.

PIAGET, Jean. *A Psicologia da Inteligência*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar (1967), 1977.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964.

QUEIROZ, Maria T. *Desafios à Educação num mundo globalizado*. Ver. Anpae. Jul/dez. 2002.

SOARES, Magda. *Memórias e travessia de uma educadora*. São Paulo, Editora Cortez, 2001.

SILVA, Maria A. Do Projeto Político do Banco Mundial Ao Projeto Político-Pedagógico da Escola Pública Brasileira. In: *Cadernos Cedes*, Campinas, v.23, n.61, p.283-301, dez. 2003.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: *Cadernos de Pesquisa Projeto História* n 15. São Paulo: EDUC., 1997.

TIBA, Içami. *Quem Ama Educa*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

WALLON, Henri. *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edições 70, 1941.

WALLON, Henri. *Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ANEXOS

Seguem os trabalhos feitos na disciplina de Artes, uma fotonovela com sete páginas, conforme mencionado no quarto capítulo deste memorial e as autorizações para o uso de imagens.